0087 - Raphaela de Souza Alvarenga

A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO E A PRÁXIS DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Raphaela de Souza Alvarenga

Licencianda em Educação Física, Universidade Federal Fluminense

O presente estudo tem sua origem nos debates e vivências proporcionados pela disciplina "Gênero, Sexualidade e Escola", disciplina oferecida no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. A partir dos conteúdos apreendidos, da nossa vivência em espaços de prática do futebol feminino, e da orientação do Professor Sérgio Aboud no Núcleo de Estudos do Futebol, resolvemos ampliar esses estudos desenvolvendo esta pesquisa. Nesta pretendemos trazer um breve resgate histórico da participação feminina no futebol, traçar comparações entre a educação física escolar, a mídia e o futebol feminino, bem como apontar a importância da atuação do professor diante dessas questões, no sentido de promover a inclusão, a desconstrução de preconceitos na escola e, portanto, na sociedade.

Ao analisar a história do futebol como esporte moderno, a partir do século XX, percebemos através das análises de várias fontes de informação que ele é prioritariamente masculino desde a sua origem. Partindo dessa questão começamos a pensar em quando será que as mulheres decidiram participar dessa prática esportiva? Infelizmente, até onde conseguimos verificar, não existe evidências concretas da onde aconteceu a primeira partida de futebol entre mulheres no mundo, porém em nosso país existem diversas versões para o início de tal modalidade.

Conforme verificamos em Darido (2002): "As primeiras partidas de futebol feminino na praia foram jogadas no Leblon, no mês de dezembro de 1975, sempre tarde da noite em função das jogadoras serem empregadas domesticas."

Em seu estudo sobre "mulheres e futebol no Brasil", Goellner (2005, p. 148) cita campeonatos de futebol feminino existentes já nos primórdios do século XX no Brasil, e

argumenta sobe o fim do Decreto Lei que impedia a participação feminina em determinados esportes – o que ocorreu apenas em 1979 –, apontando ainda questões que vão estar associadas a imagem da mulher atleta, especialmente a partir dos anos 80:

> "[...] erotizar o corpo feminino faz parte do espetáculo esportivo. No futebol masculino, a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial. Mas no jogo das mulheres, ao contrário, dos homens, isso não é suficiente. Os clubes estão exigindo que, além de saber bater sua bolinha as jogadoras sejam bonitas. O período de 80 do século passado marca a inserção de mulheres atletas definitivamente na mídia nacional."

Enny Vieira Moraes, professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em comunicação apresentada no XXV Congresso nacional de História em Fortaleza (CE), "Mulher e futebol no Brasil: esses diferentes corpos e a subversão da feminilidade", apresenta dados sobre um campeonato feminino de futebol na Bahia no início dos anos setenta.

Por outro lado também já foi afirmado que o começo de tal modalidade teve o início marcado por jogos organizados por diferentes boates Gays no final da década de 70. O esporte só foi institucionalizado em meados dos anos oitenta.

Assim como no passado, hoje a situação do futebol feminino brasileiro ainda é muito desanimadora, marcado por preconceitos e limitações. Então, depois desse breve histórico esportivo, o objetivo desse trabalho é informar e levar a uma reflexão os professores de educação física sobre as desigualdade de gênero que acontecem na sociedade e são reproduzidas nesta prática de atividade física e, com certeza, nas salas de aula.

Vivemos em um ambiente em que as habilidades motoras são construídas culturalmente, é lógico que os determinantes biológicos influenciam, mas não são o caráter principal de tal processo. Uns exemplos para tal afirmação são os primeiros brinquedos, na

sua maioria, que meninos e meninas ganham desde cedo. Os meninos ganham carrinhos e bolas e as meninas bonecas ou objetos que imitam utensílios domésticos.

As habilidades ditas masculinas ou femininas vão sendo priorizadas, impostas a meninos e meninas ao longo dos seus primeiros anos de vida. Azevedo afirma que força, agressividade e velocidade são características heteronormativamente construídas como masculinas, assim como flexibilidade, cuidado e afetividade construídas como femininas.

Desta forma as construções de gênero são naturalizadas, estabelecendo quais práticas e características pertencem ao universo feminino e ao masculino. Aqueles que decidem realizar práticas que não são estipuladas pela sua representação de gênero socialmente normatizadas, têm questionados o seu papel sóciosexual e recebem rótulos que, muitas vezes, não correspondem as suas orientações sexuais. Sendo assim, as mulheres que praticam futebol são vistas como masculinizadas e na maioria das vezes taxadas como lésbicas.

Essa divisão de gênero no meio esportivo é reforçada pela mídia, que só vem para confirmar a imagem criada socialmente do que é ser homem ou mulher e as suas práticas corporais.

> “O reforço dado pela mídia para que haja uma dissociação da imagem de esportes para homens e mulheres é aquela que se pode ser quando tomamos como base o futebol. Que “era tido” como esporte para homens e extremamente masculinizante e hoje se pode ter uma idéia do tipo de igualdade que se pretende, já que o ideal masculino sempre teve representado pela figura do guerreiro. O atleta, sinônimo de atividade e força, corresponde a tal ideal; enquanto que a mulher é vista como sujeito passivo, um objeto a contemplar.”(DEZAN,2009)

Usando o corpo feminino como objeto a ser contemplado é que alguns Dirigentes de Clubes de futebol, usam a imagem da beleza feminina para conseguir patrocínio para seus

clubes e para os campeonatos. Um exemplo de tal “fenômeno” ocorreu em 2001 no Campeonato feminino denominado Paulistana, na escolha das jogadoras.

> “Situação esta que se caracterizava pela escolha das atletas não pelo seu potencial técnico, mas sim pelos seus atributos físicos, as mulheres como um enfeite para o esporte, servindo como uma partida preliminar de beldades praticantes do mais “belo” futebol ou nas palavras de seus organizadores seria “...um campeonato bonito, unindo futebol e feminilidade...” e “...que se as moças fossem bonitas atrairiam público aos estádios e assim, patrocinadores.”(HAAG,2007. Apud DEZAN,2009)

E:

> “Mais uma conquista de Eva..o futebol. Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios da nossa Capital iniciou a prática do futebol feminino entre nós. Organizaram quadros e, de acordo com as regras do Foot-ball Association, tem as nossas patrícias disputando várias partidas entre vários clubes. Tal acontecimento, pelo sabor da novidade, provocou sensação e a imprensa esportiva explorou- a habilmente através de um noticiário minucioso e de propaganda intensa, aumentando o entusiasmo do público e o élan das jogadoras. E as partidas repetiram-se animadas e concorridas, violentas e movimentadas, com todas as características do jogo masculino, sem mesmo lhes faltar esse complemento que parece imprescidível no famoso esporte bretão – as agressões e socos... As nossas patrícias – belas e gentis – foram completas na exibição de seu futebol, igualaram a popularidade e o prestígio dos Faustos e dos Leônidas. A propósito desse sensacional acontecimento esportivo inúmeras teem sido as consultas a nós endereçadas sobre esse tema: Pode a

> mulher praticar o futebol?" (LOYOLA,1940. Apud GOELLNER,2000)

Desta forma, não importava se a mulher jogava ou não futebol, o que importava era o seu corpo sendo colocado como objeto de desejo no ambiente masculino. E hoje em dia, o homem que joga futebol além de ser valorizado pela sua habilidade motora, não tem seu corpo como meio de desejo para as mulheres? Então porque a capacidade física da mulher não pode ser a valorizada no esporte como esse? Até porque já encontramos mulheres e homens que tenham o mesmo nível de habilidade jogando essa modalidade esportiva.

Uma pergunta que há anos vem sendo feita pelo integrantes do universo masculino e que não tem fundamento. Então uma mulher deixa de ser feminina por jogar futebol? Esse tipo de frase só confirma o medo masculino de perder a sua dominação (BOURDIEU,1999). As mulheres vêm conquistando seus espaços não só no campo de futebol, mas também o seu lugar em destaque na sociedade e já podemos perceber que em diversas áreas nós encontramos mulheres que se destacam mais que os homens. Afinal, não é a prática do futebol que causa temor aos homens e sim a possibilidade da inversão da hierarquização imposta pela heteronormatividade compulsória (LOURO,2001) e sexista (quem sabe uma Dominação Feminina?), que levaria a autoridade e independência das mulheres. E para tentar impedir esse processo o universo masculino cria imagens, gerando preconceitos e limitações para a atuação feminina não só no meio futebolístico, mas em diversos locais.

O preconceito existente na sociedade reflete na escola e é nesse processo de mudança que o ambiente escolar torna-se propício para alavancar a criticidade dos indivíduos em relação a essas questões de gênero. Assim, o professor como formador de opinião, deve alertar e conscientizar os alunos para tal situação. Mas infelizmente, nas próprias aulas de educação física vemos esse machismo sendo valorizado. Normalmente são os meninos que estão na quadra jogando bola e as poucas meninas que decidem participar, são desestimuladas pelos seus amigos de turma e ate mesmo pelo seu professor, sendo lembradas que são "frágeis". Aquelas que decidem participar são chamadas de vários

apelidos pejorativos,como “mulher-macho” entre outros, o que pode afetar não somente nas suas habilidades mas na sua vida sexual e emocional.

> “ Comportamento sexual e formas de amar o outro/ outra são opções pessoais de cada homem e cada mulher, e isso em nada interfere na sua prática esportiva. A não ser que façamos um exercício de imaginação, e acreditemos que o fato de correr 90 minutos atrás de uma bola, atacando e defendendo, faça crescer no mais íntimo de cada mulher, o desejo profundo de se tornar um homem cujo virilidade lhe é atribuída como uma forte característica que a difere do que se convencionou chamar de “sexo frágil”. Como se a eterna frustração as ausência do pênis pudesse ser compensada ao praticar atividades tidas como próprias do masculino.” (GOELLNER,2000)

Para concluir, os professores precisam estar cientes do seu papel na luta pela equidade de gêneros, pois cabe a eles o papel de objetivar nas suas aulas a desconstrução das opressões de gênero, permitindo que a cultura do movimento do futebol possa ser apropriada por todos os indivíduos, independente de seu gênero ou orientação sexual.

A escola deveria se basear nessa diversidade de forma de aprendizado, pois o aluno carrega uma história, ele não está lá só para aprender, ele também ensina e nessa troca de conhecimentos que podemos definir a educação e desconstruir estereótipos impostos pela sociedade. Sabemos que não existe docente, sem discente. Os professores não são os únicos possuidores do saber.

Continuando nesse sentido, Paulo Freire em seu livro Pedagogia da Autonomia, diz que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Assim teremos alunos críticos, que não irão **definir ou “taxar**” a opção sexual de uma pessoa por que ela joga ou não alguma modalidade esportiva e vão perceber que eles mesmo podem participar de qualquer esporte sem sentir-se humilhados ou padronizados. Se

a escola deve ser um lugar para todos, entendemos que as crianças devem se sentir bem nesse espaço, pois é nele que são construídos os conhecimentos que serão levados para toda a vida.

> "O corpo deve ter seu lugar garantido dentro das escolas, valorizando o movimento, a alegria, o prazer, enfim, tudo o que gostaríamos de ver na vida, pois lembro que a escola é um espelho da vida. Muito triste encontrarmos algumas escolas sem vida e sem esperança."(SOLER,2006)

Entendemos que educadores tem uma função social educativa, portantode como suas ações vão refletir nas crianças de hoje que serão os adultos de amanhã. Cabe a nós sermos aqueles que serão lembrados por capacitar, aconselhar os alunos e não como aqueles que padronizam e os omitem. As lembranças da vida escolar são relembradas ao longo de nossa existência.

Referências:

AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro de. **Brinquedos e gênero na Educação Infantil: um estudo do tipo etnográfico no estado do Rio de Janeiro**. (Tese de Doutorado) São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo,2003.

BOURDIE, Pierre. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,1999.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início á Prática Pedagógica.** Revista Motriz,2002.

DEZAN,Flavio. **http://efdesportes.com/Revista Digital**- Buenos Aires- Año 14- nº 137- Octubre de 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In **Futebol: paixão e política.** Paulo César Rodrigues Carrano (Org.) Rio de Janeiro: DP&A,2000.

0087 - Raphaela de Souza Alvarenga

____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.´**Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** , São Paulo, v. 19, n . 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 165 p.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia das sexualidades**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.174 p.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física: uma abordagem cooperativa**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.